

ERRO LINGUÍSTICO: PARADIGMA ENTRE O CURRÍCULO DE LÍNGUA MATERNA E O FRACASSO ESCOLAR

Maria Eliane Vieira Dantas, Professora de Língua Portuguesa no município de Catolé do Rocha-PB, Supervisora Educacional em Bom Sucesso-PB, mestranda em Formação Educacional, Interdisciplinaridade e Subjetividade – UNASUR. maelidantas@hotmail.com

Francisco Dantas Veras Neto, Professor de História em Jérico- PB e Alexandria-RN, mestrando em Formação Educacional, Interdisciplinaridade e Subjetividade – UNASUR. dantasveras@hotmail.com

GT-3: CURRÍCULO E DIFERENÇAS CULTURAIS

RESUMO: O presente artigo consiste em apresentar, através de uma pesquisa bibliográfica um estudo de como o currículo de língua portuguesa favorece a relação existente entre o erro linguístico e o fracasso escolar. A pesquisa teve como base alguns renomados teóricos como Bagno (1999), Carvalho (1997), Petter (2002), dentre outros. A primeira parte do artigo descreve brevemente o desenvolvimento da linguagem e o papel ativo da escola nesse processo. A segunda parte do texto discute o erro linguístico como fracasso escolar. Dessa forma, observou-se que estamos diante da necessidade da Instituição Escolar repensar suas ideologias e práticas que devem ser sempre centradas na aprendizagem do aluno, no benefício que trará a este, pois dependendo do trabalho por ela realizado irá alimentar ou minimizar o preconceito relacionado à linguagem de muitos educandos.

PALAVRAS – CHAVE: Linguagem, Erro, Currículo, Fracasso

ABSTRACT: The present article consists of presenting, through a bibliographical research a study of as the resume of Portuguese language favors the existing relation between the linguistic error and the failure pertaining to school. The research had as base some famous theoreticians as Bagno (1999), Carvalho (1997), Petter (2002), amongst others. The first part of the article briefly describes the development of the language and the active paper of the school in this process. The second manifest part the sprouting of the text argues pertaining to school the linguistic error as failure. Of this form, it was observed that we are ahead of the necessity of the Institution School to rethink its practical ideologies and that they always must be centered in the learning of the pupil, in the benefit that will bring to this, therefore depending on the work for carried through it will go to feed or to minimize the preconception related to the language of many pupils.

KEY WORDS: Language, Error, Resume, Failure

INTRODUÇÃO

A educação representa para a vida de todo e qualquer ser humano um instrumento de valor, seja qual for a modalidade de ensino vivenciada pelo indivíduo. Porém, em nossa sociedade, esse valor tem sido considerado apenas em relação àqueles que se enquadram nos parâmetros exigidos por uma pequena parte desta sociedade, pequena, porém detentora de grande poder, que determina o que é certo ou errado.

Sendo assim, essa temática do certo ou errado permeia outra discussão, a do que vem a ser um “erro” e conseqüentemente um fracasso. Segundo Carvalho (1997), alguns filósofos como Demóstenes, acreditavam que o erro não era fonte de fracasso, mas de crescimento. Levanta-se então, uma questão muito importante, na qual “o erro pode ser interpretado de diversas formas”, ou seja, aquilo que um professor encara como um erro gravíssimo, outro vê apenas como um pequeno “deslize”. Portanto, antes de avaliar uma situação comunicativa deve-se ter a noção do que vem a ser erro e fracasso.

Saber lidar com essas questões é de grande importância para a educação, no que se refere primordialmente à relação entre a linguagem, o currículo escolar e a sociedade, que estão intrínsecos no processo de aprendizagem dos educandos. No entanto, essa relação tem sido motivo de grandes questionamentos a respeito dessa aprendizagem, pois tem apresentado lacunas no que diz respeito ao ensino ou aperfeiçoamento da língua.

Sendo assim, há muito tempo criou-se uma ideologia, que para se chegar a uma língua perfeita deveria construir um padrão, o qual todos seguiriam. Porém, percebe-se que a língua apresenta um caráter variável estando em constante mudança.

Apesar da existência de inúmeros estudos sobre a variação linguística, ainda se encontra uma padronização dentro das escolas, que obriga os alunos a desconsiderar o que aprenderam fora dessa instituição para viver um mundo desconhecido, à margem de sua realidade, podendo ter como consequência, dificuldades na aprendizagem, ou seja, o chamado fracasso escolar.

Dessa forma, esta pesquisa torna-se de extrema importância, pois promove uma reflexão sobre o ensino de língua portuguesa, tema que tem permeado discussões nas escolas. Torna-se também de bastante relevância para os profissionais da área da educação, que visam uma educação melhor, onde possa acontecer realmente para todas as pessoas desse país, não apenas para uma só classe, a dos mais favorecidos socialmente.

METODOLOGIA

O interesse por esta pesquisa bibliográfica exploratória surgiu tendo em vista a necessidade de analisar a relação entre o preconceito linguístico e o fracasso escolar, que tem sido alvo de muitas discussões no meio acadêmico e estes podem interferir na aprendizagem do educando. Almejando, ainda, observar como o currículo de língua portuguesa favorece a relação existente entre erro linguístico e fracasso escolar. Sendo esses pressupostos que se desejou atingir ao término desta pesquisa. Vale salientar que não se trata de um trabalho conclusivo, pois muitos estudos ainda virão, podendo acrescentar novos conhecimentos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A importância da linguagem e as configurações do erro linguístico

Comunicar-se sempre foi uma atividade presente e necessária na vida humana. Esse ato é uma capacidade inata para todo e qualquer ser vivente. Os animais se comunicam dentro de suas limitações, conseguem promover uma interação possível entre os seus semelhantes e são capazes de sobreviver por meio desta comunicação que chamamos de linguagem.

Segundo Borba (1991, p.9), “é na espécie humana, entretanto, que a comunicação atinge o seu mais alto grau de complexidade [...]”. Essa ferramenta desenvolve-se de diversas maneiras, na fala, na escrita, por meio da dança, através da expressão artística, enfim, muitas são as formas de sua atuação na vida do ser humano.

Essa linguagem surge justamente pela necessidade que o homem possui de estabelecer uma relação de comunicação, ou seja, de conseguir compreender e ser compreendido. Para Terra (2002, p.12) conceitua-se como “todo sistema de signos convencionais que nos permite realizar atos de comunicação”. Dessa forma, toda mensagem que estiver em uma relação de sentido pode ser vista como linguagem. E esta deve ser vista como um aspecto relevante na transformação social do homem, pois é por meio dela que este se relaciona com o mundo em que está inserido, capaz de participar intrinsecamente no processo de modificação do seu “universo real”.

O homem tem o poder de expressar seu pensamento, suas emoções usando a linguagem, e um dos meios que utiliza é a expressão linguística. Portanto, não se pode deixar de apresentar a língua como indispensável para toda e qualquer manifestação linguística, o que, na visão de Saussure, (apud Petter 2002, p.14), “é um sistema de signos – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É a parte social da linguagem.”.

Dessa forma, a língua por ser de caráter social está em constante modificação, o que a torna alvo de diversos estudos no que diz respeito a essas variações, que surgem por meio do contato entre as culturas, os costumes de povos diferentes. Esses estudos se intensificam à medida que essas transformações linguísticas mostram-se cada vez mais perceptíveis no decorrer do tempo, exigindo dos estudiosos uma observância da história, da situação comunicativa do momento da mudança.

A história da evolução linguística gira em torno da necessidade humana de se comunicar. Ela é “é heteróclita e multifacetada” (SAUSSURE, apud, CARVALHO, 2003), pelo fato de que o ato expressivo dos falantes em sua comunidade linguística tem-se alterado dia após dia. Vários são os fatores que influenciam nestas transformações, podendo ser de ordem histórica, social e cultural. A esse respeito Cardeira (1999, p.14) afirma que:

[...] a língua muda por que é um sistema em perpetua adaptação às necessidades das comunidades que a utilizam e essas necessidades também mudam. Se as circunstâncias históricas, sociais e culturais mudam em algumas épocas paulatinamente..., as necessidades expressivas dos falantes também se modificarão.

A variação histórica da língua ocorre ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma mesma língua. Tomando como exemplo o Latim, percebem-se as inúmeras transformações, no que se refere à linguagem de hoje e os registros deixados por nossos antepassados mostrando a dimensão que a língua tomou. Uma linguagem arcaica de difícil compreensão.

O Latim apresentava duas modalidades: o Latim Vulgar, uma língua do cotidiano usado pelo povo analfabeto, que se constituía de diversas variedades, distinguindo-o das produções literárias, do chamado Latim Clássico, falado e escrito, um instrumento usado somente por poetas, filósofos, prosadores... Era de difícil acesso e pouco utilizado pela maioria da população.

A este respeito, Ilari (2006, p.61) coloca a diferença dessas duas formas do latim, não de ordem cronológica, nem relacionada à escrita, mas de ordem social. Pois o que as torna melhores ou piores é a comunidade dos falantes que a utilizam.

[...] as duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma, de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todos as influências sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe.

Mediante essa diferença, criou-se uma negligência por parte da grande massa da população. Muitas palavras, expressões caíram no desuso e foram paulatinamente desaparecendo ou sendo substituídas por outros vocábulos de sentido idêntico, como por exemplo: os arcaísmos lexicais – coita >aflição; leixar > deixar e dentre outros tipos como, fonéticos, morfológicos e sintáticos. Essa questão do desaparecimento ou da substituição dos vocábulos se estendeu não só no latim, mais também nas diversas línguas existentes na época, que vieram a ser fonte de análise dos estudos da linguística.

Carvalho (2003) retoma as teorias de Saussure em uma importante explanação da visão histórica do estudo de nossa linguagem, que veio a se consolidar a partir do século XIX, pois até então os estudos eram vagos e não eram vistos como ciência. Devido ao número de línguas existentes na época, como o Latim, Grego, Persa e Germânico, criou-se um estudo que visava justamente comparar essas línguas, objetivando encontrar uma relação de parentescos entre as mesmas.

A linguística comparativa veio com este objetivo, o de analisar a evolução da língua desencadeando assim os inúmeros estudos na área da linguística que até hoje se propagam. O estudioso que mais se destacou nesta área foi Franz Bopp (1791-1867), que usou o Sânscrito como referências para as outras línguas. Acreditou que era a que melhor se aproximava da língua indo-européia, assim poder-se-ia ter um modelo vivo destas línguas. Nesta compreensão, Petter (2002, p.12) ressalta que:

[...] o estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.

Esse interesse em estudar a língua sempre foi alvo dos linguistas, que se apropriam dos registros antigos, como os mitos, as lendas dentre outros, na tentativa de preservar a linguagem humana, pois sempre será de extrema importância para todo e qualquer falante.

A linguagem como algo inerente ao ser humano, apesar de suas mudanças, encontra-se internalizada nos usuários da língua. Qualquer falante se encontra apto para manifestar-se linguisticamente, pois o homem já nasce com uma organização que lhe permite falar. Nesta perspectiva, Borba (1991, p.16) afirma que “para que uma criança normal aprenda a falar que seja exposto a uma língua desde cedo”. Dessa forma, a linguagem é “universal”, ou seja, não importa a que cultura, raça ou povo o indivíduo pertença, ela se desenvolverá de igual forma para todos, independentemente de seu grau de escolarização.

A esse respeito, é importante observar que por ser a linguagem universal, a sua forma de expressão não será uniformizada, pois, culturas diferentes, povos diferentes irão produzir conseqüentemente diferentes formas de falar, ou seja, a sua manifestação terá uma relação intrínseca com a cultura, com os valores presentes na vida do falante.

Essa questão do desencadeamento da linguagem sempre foi um elemento bastante polêmico no que diz respeito ao seu uso, por ser um instrumento de poder entre o homem e a sua sociedade. Dessa forma, a instituição escolar, apresenta-se como uma das instituições responsáveis por essa relação homem-sociedade, agindo no processo de transformação social, política e cultural dos mesmos.

No entendimento de Moretto (2002, p.73-74) a escola atua como socializadora do indivíduo, ou seja, trabalha com a “preparação do cidadão para sua inserção na sociedade, na qual ele viverá como cidadão e como profissional de alguma área da atividade humana”. Esse processo de socialização como afirma o autor tem a sua primeira etapa através do ambiente familiar, onde a criança vai ser apresentada aos valores do seu contexto. Com a sua inclusão na escola, dá-se início “a socialização secundária, [...] período em que o indivíduo se conscientiza da complexidade cada vez maior da realidade social na qual está inserido e aprende a analisá-la para compreender seu contexto. Aí entra a escola como instituição cuja finalidade é a socialização”.

É nessa socialização que o homem irá se humanizar, pois para Freire (2002) o homem não nasce humano, este se humaniza conforme as críticas e a sua própria

consciência. Assim o conhecimento será uma arma importante para essa humanização, pois possibilita ao homem ser aceito em sua sociedade.

No passado, essa possibilidade de socialização era bastante restrita, pois a escola voltava-se apenas para a burguesia. Os filhos dos empregados tinham acesso à educação até um ponto determinado pela própria burguesia, como forma de deixá-los sempre dependentes, ou seja, privá-los do conhecimento era uma forma de tê-los à disposição, por saber que o conhecimento faz do homem um ser crítico diante de sua realidade.

Para Rodrigues (1983), a escola tem um caráter eficiente na luta pela mudança social, podendo intervir no processo de construção do conhecimento e transformação do indivíduo em um verdadeiro cidadão. Aquele capaz de lançar sobre os valores da sociedade as suas críticas, tentando participar no processo de modificação da sua realidade. Assim a função da escola seria:

[...] desenvolver no aluno a competência para manejar bem a língua nacional, torná-lo à compreensão das relações que se produzem no espaço vital, habilitá-lo ao manejo das operações aritméticas, introduzirem-lo no conhecimento dos processos da produção da ciência e dar-lhe condições de, a partir da análise da sua realidade, reconhecer o espaço social para a sua participação política na sociedade como cidadão. (RODRIGUES, 1983, p.73)

O autor mostra a importância da escola na construção do conhecimento, porém, faz menção que a escola, através do seu currículo programático, é um instrumento de manutenção das relações sociais existentes e, veiculação de ideologias manipuladas pelos setores mais privilegiados da sociedade. Dessa forma, a escola estabelece vínculos com as relações sociais presentes em nossa sociedade. Assim os valores da escola são determinados pela própria sociedade.

O erro linguístico como fracasso escolar

Segundo Terra (2002) a fala é a representação concreta da língua, acompanhando assim a sua diversidade lingüística, que se modifica a cada instante, tendo em vista a evolução da sociedade que a criou.

Dessa forma, devido a essa diversidade, a noção de erro linguístico foi intensificada por fazerem acreditar, através da gramática tradicional, dos LDPs (Livro

Didático de Português), que não existem maneiras diferentes “corretas” de falar, criando assim, na visão de Bagno (1999, p.15) o “mito da língua única”. Mito esse que:

[...] é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, à língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação social econômica, de seu grau de escolarização, etc.

Para Bagno (2003), o uso dessa linguagem padrão é posto como forma de seleção, de superioridade, onde se separa o que é “culto” ou “inculto”, assim, não se trata de qualidade, mas de privilégio. O erro é visto por diversos lados e é constituído por um caráter subjetivo. Dessa forma o referido autor reafirma:

A noção de *erro* varia e flutua de acordo com quem usa e contra quem. No caso em questão, é alguém das camadas privilegiadas da população que vê erro na língua dos cidadãos das outras camadas os menos favorecidos. (BAGNO, 2003, p. 21).

Isso faz com que a educação transforme-se em uma educação elitista capaz de deixar a critério dessa classe mais favorecida a noção do erro ou acerto. Assim, o erro só apresenta caráter propriamente de erro quando proferido de alunos pertencentes às camadas “inferiores”. Dessa forma apresenta-se como:

[...] a famosa ‘exceção’ que confirma a regra. Todos os milhões de cidadãos pobres que hoje, não tem acesso pleno à cultura letrada e às formas lingüísticas prestigiadas continuarão sendo estigmatizados e mantidos bem distantes das vias de acesso à mobilidade social para o alto. (BAGNO, 2003, p, 38)

A questão social é intrínseca no processo de conceituação do erro lingüístico, estando fundamentalmente a serviço das classes favorecidas que usa o currículo programático de Língua Portuguesa como forma de dominação, mantendo sempre a distância entre a linguagem padrão e a não padrão, o que favorece sem via de dúvidas o fracasso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se as discussões apresentadas neste trabalho, percebe-se que a conceituação da existência do erro lingüístico resulta da desvalorização da diversidade lingüística que as tornam como o lugar do erro, da incoerência e do absurdo.

A escola, sobretudo seu currículo de língua portuguesa, como instituição promotora de transformação social parece não contribuir para que essa transformação aconteça, pois se registra que os valores das classes hegemônicas da sociedade vêm ganhando espaço, direcionando assim os focos da aprendizagem, que tem centralizado um ensino voltado para a aquisição e reprodução de uma língua classificada como correta. Por isso, os livros didáticos, as gramáticas e os professores reproduzem esse ensino, em busca de um aluno ideal, enquadrado num modelo, que faz o uso correto da língua padrão.

Constata-se através dos vários autores no texto mencionados que a linguagem do aluno marca o seu sucesso ou fracasso na escola. Dentre os diversos fatores que levam o aluno ao fracasso, sua posição social vem determinar a classificação dos indivíduos em inferior ou superior. Sendo assim, os alunos que trazem consigo um dialeto diferente do que é ensinado na escola estão indicados ao fracasso, pelo fato de toda metodologia relacionada ao ensino da língua portuguesa (materna) na escola ser voltada a uma língua padrão. Percebe-se ainda, a submissão da escola ao apoiar o currículo sem levar em consideração a cultura internalizada dos educandos, aos valores da sociedade que reforça a prática do preconceito lingüístico em sala de aula, desviando o objetivo da escola de promover um ensino onde as oportunidades sejam de igual forma para todos os alunos.

Dessa forma, estamos diante da necessidade da Instituição Escola repensar suas ideologias e práticas que devem ser sempre centradas na aprendizagem do aluno, no benefício que trará a este, pois dependendo do trabalho por ela realizado irá alimentar ou minimizar o preconceito relacionado à linguagem de muitos educandos. E a partir disto vê-se a necessidade da criação de uma escola, com currículo programático, democrática que aceite as diversidades de culturas e que promova uma socialização dessas culturas sem que haja uma supervalorização de uma sobre a outra. Diante disso, teremos cidadãos livres para se expressarem dos seus diferentes modos, minimizando a desigualdade social e conseqüentemente a exclusão social.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**; o que é como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite á pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo. Parábola. Editorial, 2003.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos.** 11ª ed. Campinas, SP; Pontes, 1991.
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do Português.** Lisboa; Caminho. 1999
- CARVALHO, Castelar de. **Para Compreender Saussure.** Fundamentos e visão crítica. 13ªed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2003.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca. **As noções do erro e fracasso no contexto escolar:** algumas considerações preliminares. **In:** AQUINO, J. G. et al (Org.). Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas. 2ª ed. São Paulo: Summus, editorial, 1997. Cap.1.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica.** 2ªed. 6ªimpressão. São Paulo, Ática, 2006.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova:** um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas. 3ª ed, Rio de Janeiro: DP&A.
- PETTER, Margarida. **Linguagem, Língua e Fala.** 1ªed. São Paulo: Scipione, 1997.
- RODRIGUES, Neidson. **Desafio aos educadores: In** _ Lições de Príncipe e outras lições. São Paulo: Cortez, 1983.
- TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala.** 1ª ed.são Paulo: Ed. Scipione, 2002.